

O pós-humano na mediatização da saúde

Resumo: Este artigo apresenta um estudo de publicações científicas recentes que abordaram a mediatização de temas ligados à saúde - não apenas a realização da cobertura midiática sobre o assunto, mas também sua relação direta com a abordagem sobre o pós-humano, sobre como os avanços tecnológicos colaboram para aproximar o homem da máquina e se beneficiar dessa relação para a melhoria da saúde, o que também gera polêmica.

Palavras-chave: Mediatização. Pós-humano. Saúde.



Alessandra de Falco Brasileiro Lermen¹

¹ Pós-doutoranda na UFMG na área de Processos Comunicativos e Práticas Sociais. Formada em Jornalismo pela PUC-Campinas e em Letras – Bacharelado e Licenciatura – pela Unicamp, especialista em Jornalismo Científico pelo Labjor/Unicamp e mestre em Comunicação Social pela Metodista, doutora em Educação pela Unicamp.
E-mail: alessandrafalco@ufsj.edu.br

El post-humano en la mediatización de la salud

Resumen: Este artículo presenta un estudio de publicaciones científicas recientes que abordan la mediatización de temas relacionados con la salud, pero no sólo la realización de la cobertura mediática sobre el tema, sino también su relación directa con el abordaje sobre el post-humano, sobre cómo los avances tecnológicos colaboran para acercar al hombre de la máquina y beneficiarse de esta relación para la mejora de la salud, lo que también genera polémica.

Palabras clave: Mediatización. Post-humano. Salud.

The post-human in health mediatization

Abstract: This article presents a study of recent scientific publications that address the mediatization of health-related issues, but not only the coverage of the media on the subject, but also their direct relationship with the post-human approach, on how the technological advances collaborate to bring the man of the machine and benefit from this relationship for the improvement of health, which also generates controversy.

Keywords: Mediatization. Post-human. Health.

1. Considerações iniciais

O objetivo deste estudo é apresentar pesquisas recentes sobre como o pós-humano tem sido utilizado para representar a saúde na mídia, considerando a relação que existe entre corpo e tecnologia e as possibilidades de um moldar o outro e vice-versa, “[...] em um processo de criação de uma nova entidade híbrida com suas próprias dinâmicas e particularidades” (FANTONI, 2016, p. 188). Assim, nesta pesquisa:

O pós-humano refere-se à convergência geral dos organismos com as tecnologias até o ponto de tornarem-se indistinguíveis. Nas tecnologias pós-humanas podem ser incluídas a realidade virtual, a comunicação global, a próstética e nanotecnologia, as redes neurais, os algoritmos genéticos, a manipulação genética e vida artificial. Tudo isso junto representa uma nova era no desenvolvimento humano, a era pós-humana. (SANTAELLA, 2007, p. 44).

Esta pesquisa apresenta trabalhos científicos recentes sobre a relação entre o pós-humano e a saúde divulgadas na mídia. A pesquisa foi feita na base de dados do Google Acadêmico, a partir de busca pelas palavras-chave “pós-humano”+“mídia”+“saúde” considerando publicações divulgadas entre 2013 e 2018, em até 4 páginas de busca, até o final de setembro de 2018, e com a escolha do idioma português. Optou-se pela leitura dos textos por ordem de relevância do sistema, considerando o foco qualitativo e não quantitativo desta pesquisa e também pela leitura scanner, buscando as palavras-chaves “pós-humano”, “mídia” e “saúde”, considerando o uso de uma das palavras pelo menos 2 vezes no texto.

Ainda em relação às escolhas metodológicas, especificamente sobre a abordagem da midiatização, considera-se o que afirmou Fausto Neto (2010, p. 63): “Os mídia não são apenas compêndios de um processo interacional, mas oferecem seus postulados e lógicas para a própria organização social”. Ao estudar a circulação da relação entre a saúde e o pós-humano em veículos midiáticos, estuda-se um acontecimento social cultural atual, quando o homem contemporâneo busca superar os desafios postos ao corpo com o uso de recursos tecnológicos.

E ainda, acredita-se que, conforme Nunes e Lopes (2018, p. 04-05), vivemos “[...] uma midiatização da sociedade, na qual essa última é dependente da mídia e de sua lógica [...] a midiatização provoca mudanças tanto nos modos de pensar, como nas raízes culturais que reconfiguram as características que identificam as experiências sociais”, o que é demonstrado nos trechos de cada publicação analisada. A partir deste contexto apresentado, enfim, justifica-se esta pesquisa uma vez que estamos em um momento no qual:

[...] se multiplicam os corpos virtuais, em que se aprofunda a exploração visual do ser vivo, em que se comercializam o sangue e os órgãos, em que se programa a reprodução da vida, em que se vai apagando a fronteira entre o mecânico e o orgânico mediante a multiplicação dos implantes, em que a genética se aproxima da replicação da individualidade [...]. (COURBIN et al., 2011, p. 12).

2. Conceito de pós-humano

A terminologia pós-humano “[...] tem sido usada para sinalizar as grandes transformações que as novas tecnologias da comunicação estão trazendo para tudo o que diz respeito à vida humana, tanto no nível psíquico quanto social e antropológico” (SANTAELLA, 2003a, p. 31). Questionamentos em relação às características do pós-humano e de sua existência atual ou de uma previsão ou mesmo de uma representação, levam à criação inclusive de outros conceitos, como abordado por Damiani (2017, p. 57):

[...] o pós-humano e o transumano compartilham a mesma cosmologia no que diz respeito à fabricação de seres pelas vias da ciência; no entanto, sua aplicação se dá diretamente no humano, através da modificação de sua forma, estrutura, capacidade e modos de existência por meio de alterações genéticas, implantes, nanotecnologias ou qualquer outro recurso técnico ou científico.

Pensando na área da saúde especificamente, citando o jornalista e escritor Joel Garreau, Wolf (2009) aborda o aprimoramento intelectual, físico e emocional, além da eliminação de doenças e de sofrimentos desnecessários dentro de um movimento trans-humanista que prega a extensão da vida útil, o aumento da capacidade humana, tudo baseado em uma ciência empírica.

O trans-humanistas pretendem prolongar ao infinito sua existência graças ao aperfeiçoamento das técnicas. Para lutar contra o envelhecimento ou a morte faz-se necessário aperfeiçoar o homem no corpo, desalojando-o de suas fragilidades (...). A técnica torna-se um caminho de salvação para libertar o homem de seus antigos limites, que doravante são colocados em termos de fardos. Exigência de uma liberdade que nada mais reivindica senão o prazer, e nunca a responsabilidade. As tecnologias não são mais exclusivamente percebidas como exteriores ao corpo, mas vindas para assumir seu lugar, para transformá-lo em instrumento mais eficaz, eliminando definitivamente suas funções inúteis e suprindo as indispensáveis. O trans-humanismo persegue o sonho de um homem não sofredor, inalterado pelas emoções, mestre de si mesmo e imortal. (LE BRETON, 2012, p. 29-31).

Garreau ainda destaca que o pós-humano não está relacionado apenas a uma evolução biológica, mas também tecnológica, o que vai

ao encontro da saúde digital, tema em voga na contemporaneidade. “[...] o pós-humanismo nomeia um momento histórico da descentralização do ser humano por sua imbricação em redes técnicas, médicas, de informática e econômicas, cada vez mais impossível de ignorar [...]” (WOLF, 2009, p. xv)². Este conceito:

[...] tem sido utilizado para designar o atual estágio de desenvolvimento tecnológico atingido pela humanidade e que questiona a própria condição do homem devido a esse imbricamento proporcionado pela tecnociência. [...] O pós-humanismo, então, está impregnado de um caráter espiritual-religioso, já que a expectativa é que as tecnologias possibilitem ao homem superar sua condição mortal. Além disso, é alimentado pelo imaginário tecnocientífico, e este, por sua vez, por pesquisas como a criogenia e a inteligência artificial. Não é à toa, portanto, que o pós-humanismo inspira-se declaradamente na ficção científica para construir suas expectativas de transformação do homem de amanhã. (VIVIANI *apud* MARCONDES FILHO, 2009, p. 287).

Ferreira et al. (2018) cita em sua obra dois exemplos emblemáticos do que podemos considerar pós-humano hoje, um da atleta britânica Danielle Bradshaw que quis a amputação de sua perna desgastada pelo excesso de exercícios com o objetivo de implantar um membro biônico para obter melhora em seu desempenho; e outro do atleta alemão Markus Rehm que tem negada pelas confederações internacionais de atletismo a participação em competições, considerando que sua prótese possibilita uma melhor performance.

Ele também lembra do documentário da BBC, *The Immortalist*³, “[...] que exhibe investimentos milionários na construção de avatares corporais capazes de receber a consciência humana e de preservar indefinidamente a vida, revelando, assim, a última fronteira da corporeidade que ensaia contundentemente a fusão com as máquinas” (FERREIRA et al., 2018, p. 193). Cenário semelhante é interpretado na série *Pure Genius*, veiculada em 2016 no canal Universal no Brasil, na qual um jovem bilionário abre um hospital com tecnologia de ponta para atender casos raros, inclusive o dele, seriado este que foi estímulo para esta pesquisa.

Assistimos aos avanços científicos da informática, dos modos de comunicação e da biotecnologia aliarem-se às intermináveis sortes de desejos de aprimoramento do corpo. Estamos dando vida às criaturas que apenas habitavam nossos sonhos, especulações desmedidas e histórias de ficção. Nossa outrora pura organicidade parece estar sendo superada por uma condição híbrida, resultado da combinação de uma série de apetrechos maquímicos com a dimensão biológica. (FERREIRA et al., 2018, p. 183).

Outro documentário, o *Homem 2.0*⁴, distribuído no Brasil em 2012 pela National Geographic Brasil, aborda o meio homem, meio

² Tradução da autora de: “[...] posthumanism names a historical moment in which the decentering of the human by its imbrication in technical, medical, informatic, and economic networks is increasingly impossible to ignore [...]”.

³ Disponível em: <<https://www.dailymotion.com/video/x401ofh>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U97H5gNzQPk>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

máquina, dando exemplos atuais como o caso de Cristian que teve o braço amputado e agora tem uma prótese mecânica de braço orientada pelos seus sinais cerebrais, “[...] primeiro passo para o ciborgue”. O filme também cita implantes cerebrais para inibir sintomas de doença como Mal de Parkinson, “[...] uma interface homem máquina pode ser implantada dentro do cérebro”, e uma paciente afirma “[...] eu não me sinto uma ciborgue”.

“Quando menos esperarmos seremos mais artificiais do que naturais”, afirma no documentário um cientista do Vale do Silício. A obra ainda aborda a possibilidade de considerar o envelhecimento como uma doença, que pode ser tratada, e outro cientista afirma que se a tecnologia pode transformá-lo em algo melhor, “[...] um ciborgue, eu quero”, e completa: “[...] quero estar no grupo dos humanos melhorados”.

3. O pós-humano na mediatização da saúde

Pesquisas atuais sobre saúde e sua divulgação na mídia têm apresentado o uso do termo “pós-humano” para mostrar ao mesmo tempo as representações atuais do corpo e as “imposições” tecnológicas oriundas de um sistema capitalista. Consideram que a evolução biológica necessita da evolução tecnológica, como Corso (2015, p. 71) que afirma que “A computação vestível [...] irá trazer o melhor do homem e da máquina e, no futuro, terá aplicações que podem atenuar o impacto de doenças no organismo, como por exemplo a perda de memória”. A tecnologia é apresentada como forma para corrigir, quiçá substituir, imperfeições humanas.

Haraway (2000) tem discutido as identidades “ciborgues” – criaturas híbridas resultantes da junção entre humano e máquina – originárias de processos de mecanização/eletificação do humano e humanização/subjetivação da máquina (SILVA, 2000, p. 14). O biopoder do capitalismo tardio requer corpos pós-humanos, via “negação da condição humana” (ILLICH, 1999). Como Le Breton (2003, p. 15) avalia, nessa política o corpo indefinidamente flexível, perfeito e ajustável aos interesses do capital significa “um corpo de certa forma livre do corpo”, ou seja, livre das limitações humanas. (RAMALHO, 2013, p. 233).

Com o foco na relação entre o corpo e os computadores, a pesquisadora Corso (2015) estuda os dispositivos vestíveis, instrumentos que são acoplados ao corpo e que possibilitam análise ou execução de diversas atividades humanas, designando o indivíduo desse contexto como o ciborgue que vive na cultura do pós-humano (SANTAELLA, 2003b), “[...] que consiste na fusão do corpo com

próteses, fármacos, chips *etc.*” (ROSSI, 2014, p. 262). E nesse cenário, destaca-se o fato atual - e não mais o futuro ficcional - confirmado por Stelarc (*apud* FRANCO, 2010, p. 104):

Pode parecer poético quando eu falo da obsolescência do corpo humano atual, mas a visão que eu tenho não é utopia. Se já se pode fertilizar fora do corpo humano e alimentar um feto fora do útero feminino, então - tecnicamente falando - podemos ter vida sem nascimento. E se até podemos substituir partes do corpo humano que funcionam mal e colocar lá componentes artificiais, então - mais uma vez, tecnicamente falando - não há necessidade de morte. Chegamos a uma situação em que a vida já não é mais condicionada pelo nascimento e pela morte. O corpo não necessita mais ser “reparado”, pode simplesmente ter partes substituídas.

A crise de identidade pode acontecer a partir do momento em que o homem passa a viver na cibercultura. “Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana” (JENKINS, 2009, p. 30). Enquanto que, na pós-modernidade, o homem era definido pela mente, na sociedade contemporânea é definido pela sua relação com a tecnologia, inclusive a partir do que é divulgado pela mídia. “[...] as identidades contemporâneas passam pelas mídias, se articulam com as pessoas e se transformam em novos modelos de compreensão” (MARTINO, 2010, p. 17).

[...] há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. (KELLNER, 2001, p. 09).

Ao analisar como as imagens das capas das revistas *Superinteressante* e *Galileu* revelam os conceitos por trás do pós-humano, a pesquisadora Damiani (2017, p. 54) aborda o seu estágio transitório denominado de Transumanismo, que, de acordo com Dupuy (2009, p. 90) “[...] trata-se de redesenhar a condição humana, ou seja, concebê-la ou fabricá-la, como se faz com uma máquina ou com um artefato”. A estudiosa afirma que:

Conforme utilizam como estratégia discursiva a imagética fornecida pela ficção científica para dar visualidade às pesquisas científicas, muitas vezes ainda encontradas em fase embrionária nos laboratórios, as capas das revistas estudadas projetam a imaginação sobre uma possibilidade futura, trazendo-a para o presente, ou seja, para o acelerado tempo da

produção tecnocientífica que faz parecer possível o que até então era percebido como improvável. (DAMIATI, 2017, p. 02).

Em resenha do livro *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*, Rossi (2014) ao abordar o artigo de Paula Sibilia, *Imagens de corpos velhos*, cita as expressões estudadas cunhadas pela mídia: “corpos poderosos” (das celebridades, em boa forma) X “corpos esculhambados” (velho, à mercê da natureza, do tempo). Há outras pesquisas que também abordam a influência da mídia na configuração do corpo humano e na relação homem-máquina, como a de Ferreira et al. (2018, p. 191):

O avassalador aumento da quantidade e qualidade dos dados disponíveis no ecossistema tecnomidiático gerado pelo desenvolvimento das ciências da computação e das telecomunicações amplia proporcionalmente o desejo por experiências/prazeres inéditos e ao mesmo tempo insinua e sugere que podemos melhor navegar nesse mar de dados com as máquinas como aliadas. Nossos corpos, aproximados epidermicamente dos computadores, buscam constante conexão com esses bancos de dados intra/extracorpóreos. O corpo-futurível encarna uma corporeidade algorítmica que pretende acesso, interpretação e incorporação (em alguns casos, a própria corporificação) dos dados gerados pelas inúmeras relações humano-mundo.

O estudo de Da Silva et al. (2017) destaca o discurso midiático sobre a “mulher moderna”, sendo aquela que utiliza novos recursos tecnológicos em prol de sua beleza e saúde, a partir da influência “médico-midiática”. Brito (2016) aborda o poder de manipulação da mídia, utilizando o “saber médico” e artifícios como a inteligência artificial ou a genética e até mesmo a junção homem e máquina, afirmando que apesar de “[...] a mídia e revistas de saúde de grande circulação, além de sites e revistas on-line que visam a assessorar o indivíduo a ficar em forma, ter um corpo saudável, a cuidar de si, buscando encontrar a imortalidade do corpo” (BRITO, 2016, p. 112), é preciso pensar nas questões éticas e pesar a relação entre poder e fantasia.

Simões e Pinto (2013), que estudam o imaginário sobre anabolizantes de adolescentes, apontam a mídia, utilizando de “sedução” e “persuasão” como meio que transmite a mensagem da necessidade do corpo saudável, que pode ser suprida com o consumo de, por exemplo, medicamentos para reduzir apetite, que podem “re-significar” o corpo - termo utilizado por Santaella (2003a) - superando-o, o que seria “[...] uma passagem do orgânico - humano - para o inorgânico - pós-humano ou corpo-máquina -, dada a possibilidade de intervenção científica por meio da tecnologia” (SIMÕES; PINTO, 2013, p. 139).

Amaral (2014) analisa a cobertura midiática da revista *Veja* do caso de Angelina Jolie que substituiu as mamas por próteses mamárias para evitar um possível câncer de mama, uma vez que sua mãe havia falecido da doença, mesmo ela não tendo nenhum diagnóstico. Em um contexto de pós-humanismo, a pesquisadora afirma que “é interessante perceber na construção enunciativa a aversão ao material orgânico, uma espécie de sentença de morte e que os avanços da tecnologia são capazes de sublimar a carne na salvação da vida” (AMARAL, 2014, p. 08).

Por fim, a estudiosa conclui que “Angelina Jolie se torna dentro das manifestações midiáticas uma porta-voz da vida que alia a tecnologia do inorgânico como modo de vida para a obtenção da felicidade [...]” (AMARAL, 2014, p. 10). Todavia, tanto a atriz, quanto a mídia esquecem de evidências científicas que mesmo um câncer diagnosticado pode ser revertido com, por exemplo, uma mudança alimentar.

Em última análise - mas não última divulgação sobre a temática escolhida, que ainda poderão ser verificadas em estudos futuros e até infundáveis considerando a complexidade e atualidade temática -, Machado (2018), em pesquisa de 10 anos a respeito da cobertura televisiva sobre pacientes em fase terminal e a morte, cita a abordagem do imaginário pós-humano quando relacionada à superação da condição humana ao se utilizar elementos como próteses, microchips, nanotecnologia que transforma o homem em uma máquina, em um ciborgue - símbolo máximo do pós-humanismo.

4. Considerações finais

Esta pesquisa foi possível considerando a existência de uma cultura atual midiaticizada, na qual a vida cotidiana, incluindo a relação do homem com a saúde, perpassam também pela divulgação midiática. Assim como as mudanças tecnológicas influenciam as alterações em meios e técnicas de mídia, também acontece em relação aos avanços da medicina. O homem máquina - em processo de hibridização - é aquele que utiliza da codificação para criar e divulgar determina publicação e também é aquele que utiliza de recursos tecnológicos para superar mazelas postas ao corpo orgânico.

As publicações estudadas revelam que, apesar de a temática ainda ser polêmica e parecer mais próxima da ficção e do futurismo, na realidade já existe o hibridismo entre homem e máquina e esta vivência perpassa pela mídia, que perpassa pelo cotidiano. A polêmica está não apenas na influência, na linguagem utilizada ou no poder da mídia quando aborda as temáticas, mas nelas mesmas em si. Até que ponto o homem deve deixar de existir enquanto

ser orgânico, que sofre, que sente dor e tem limitações humanas, para co-existir enquanto homem-máquina, forte, super-saudável ou até imortal?

Referências

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Sobre as mamas de Angelina Jolie: a representação do corpo e cultura pelo discurso da revista *Veja*. In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3., 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT5_Muriel%20Em%C3%ADdio%20Pessoa%20do%20Amaral.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

BRITO, Keline da Costa. Transformações do corpo: Era parabióse. **InterEspaço** - Revista de Geografia e Interdisciplinaridade (Edição Especial - Dossiê: Filosofia Contemporânea), Grajaú-MA, v. 2, n. 4, 2016, p. 109-118, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/4924/2998>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

CORSO, Aline. **O corpo aparelhado**: um estudo sobre tecnologias e computadores vestíveis na cultura do pós-humano. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2015. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/46920498/Aline_Corso__dissertacao_final.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1521656397&Signature=k17LefzCtN%2BbPoGN9%2BZz8c1CC0E%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DO_corpo_aparelhado_um_estudo_sobre_tecno.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2018.

COURBIN, A.; COURTINE, J. J. (Org); VIGARELLO, G. **História do corpo**: 3. As mutações do olhar. O Século XX. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

DAMIATI, Djaine. **A invenção do indivíduo pós-humano**: imaginação, competência e a expectativa de ser outro nas capas das revistas *Superinteressante* e *Galileu*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152024/damiati_d_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 20 mar. 2018.

DA SILVA, Anderson Luis. Pós-humanismo e Eugenia - o corpo tecnológico em relação à insuficiência orgânica. In:

SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIBERCULTURA, 7., 2013, Tuiuti. **Anais...** Tuiuti: 2013. Disponível em: <http://www.abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_8_Imaginario_Tecnologico_e_Subjetividades/25896arq12627963856.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

DA SILVA, M. J.; PAIVA, A. C. S.; DA COSTA, I. M. M. A vagina pós-orgânica: intervenções e saberes sobre o corpo feminino acerca do “embelezamento íntimo”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, ed. 47, p. 259-281, jan-abr. 2017. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/horizontes/1505>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

DUPUY, J. O transumanismo e a obsolescência do homem. In: NOVAES, A. (org.). **A condição humana**. As aventuras do homem em tempos s de mutações. São Paulo: Edições SESC, 2009, p. 89-121.

FANTONI, Andressa. Dispositivos wearable para o campo da saúde: reflexões acerca do monitoramento de dados do corpo humano. **Temática**, a. XII, n. 01, jan./2016, p. 185-198. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/27416>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

FERREIRA, A. G. et al. O corpo-futurível: ensaio sobre as recentes (re)descrições do corpo humano rumo à pós-organicidade. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 53., p. 181-195, maio/2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n53p181>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

FRANCO, Edgar. Stelarc: arte, tecnologia, estética e ética. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 13, n. 22, p. 98-115, jul./dez. 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. In: KELLNER, Douglas. **Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

LE BRETON, David. Individualização do Corpo. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (orgs.). **O Triunfo do Corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MACHADO, Anderson dos Santos. Sensibilidade à Flor da Tela: A televisão como Tecnologia do Imaginário Dinamizando o

Simbólico sobre a Morte na Abordagem dos Cuidados Paliativos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. Anais... Joinville: Intercom, 2018. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-0647-1.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARQUES, E. M; KRÜGER, L. C. Transumanos e pós-humanos em deuses de pedra: a valorização do corpo padronizado na distopia de Jeanette Winterson. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 154-173, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2018v23n1p154/36270>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade**. Quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

FAUSTO NETO, Antônio. As bordas da circulação... **ALCEU**, v. 10, n. 20, p. 55-69, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Neto.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

NUNES, I. R. B. S.; LOPES, P. F. C. L. Estou online - a extimidade e o processo de midiaticização em um instablog de moda teresinense. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MUDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS, 2., 2018, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2018. Disponível em: <<http://midiaticom.org/anais/index.php/seminariointernacional/article/view/151>>. Acesso em: 03 set. 2018.

RAMALHO, Viviane. “Viva sem menstruar”: representações da saúde na mídia. In: SATO, D. T; LOPES B. JÚNIOR, J. R. (orgs.). **Contribuições da Análise de Discurso Crítica no Brasil: uma homenagem à Izabel Magalhães**. Campinas: Pontes, 2013, p. 231-255. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu/documents/38754287/Artigo_VivianeRamalho_Viva_sem_menstruar_representacoes_da_saude_na_midia.doc-Academia.edu.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1520865033&Signature=0TlcePcN5IbeTV4E2v%2B4AICRZ6Q%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DViva_sem_menstruar_representacoes_da_sa.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.

ROSSI, Vanberto José. **Corpos transfigurados** (Resenha). **Contemporânea**, v. 4, n. 1, p. 259-265, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/download/201/105>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: O advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, pp. 23-32, 2003a. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3229/2493>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003b.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SIMÕES, J. M. G.; PINTO, S. G. Atividade física e anabolizantes: o imaginário dos adolescentes no município de Astolfo Dutra/MG. **Revista @rgumentam**, v. 5, p. 132-147, 2013. Disponível em: <http://sudamerica.edu.br/argumentandum/artigos/argumentandum_volume_5/Texto_6_Joao_Miller.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

WOLF, Cary. **What is Posthumanism?** London: University of Minnesota Press, 2009.